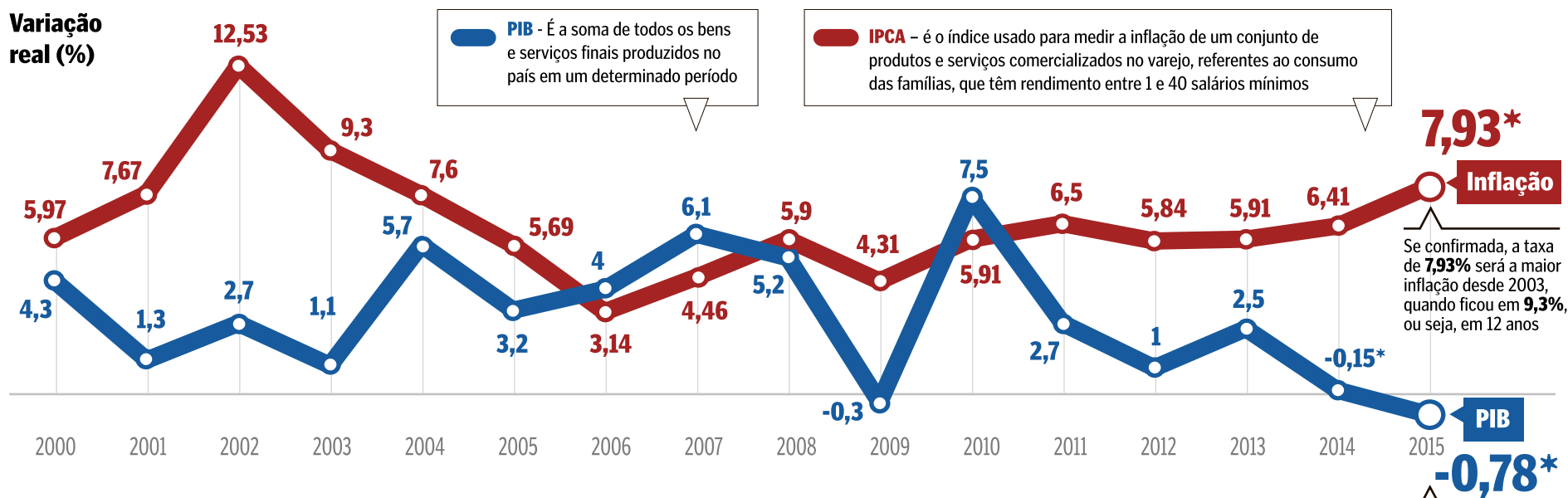


PAÍS NO VERMELHO

CENÁRIO NADA BOM



Fonte: IBGE, Banco Central e pesquisa A GAZETA

* Projeção do Banco Central com base no relatório Focus de 13 de março

DESANIMADOR

OS NÚMEROS DA CRISE

Inflação, juros e desemprego retraram a atual fragilidade do país

BEATRIZ SEIXAS
bseixas@redgazeta.com.br

Um número já seria suficiente para traduzir o momento crítico pelo qual o país passa: o da avaliação do governo Dilma Rousseff, divulgado na última semana pelo instituto Datafolha. Segundo a pesquisa, 86% dos brasileiros consideram o atual governo como regular, ruim ou péssimo. É a taxa de reprovação mais alta para um presidente da República desde setembro de 1992.

Mas, para alcançar esse resultado, a presidente acumulou muitos outros índices negativos que colocam hoje a economia brasileira em estado de alerta e em dúvida sobre o seu futuro. Inflação e juros altos, retração do PIB, desemprego, queda do consumo, restrições ao crédito, desvalorização da moeda, déficit das contas públicas e perda de fôlego da produção industrial são alguns dos indicadores que retratam a fragilidade da economia, que ainda convive com o fantasma da corrupção.

Se já não bastasse esse cenário pessimista, especialistas avaliam que há es-



FERNANDO MADEIRA

Reajustes de preços

A médica Andressa Ronconi reclama da redução no poder de compra por causa da inflação

“A gasolina, a energia elétrica e as compras do supermercado estão pesando muito no orçamento familiar. Está difícil absorver tantos aumentos”

paço para novas preocupações, uma vez que os números que estão colocados à mesa tendem a se deteriorar ainda mais. A inflação, por exemplo, que já vem castigando as famílias desde o ano passado – quando fechou 2014 a 6,41% e quase atingiu o teto da meta de 6,5% – deverá encerrar

2015 a 7,93%, de acordo com o último Relatório Focus do Banco Central (BC).

A previsão, aliás, tem sido revisada para cima a cada boletim divulgado pelo BC. E, cada vez mais, o percentual se afasta do limite máximo do governo, que é de 4,5% ao ano, com tolerância de dois pontos percentuais

para cima ou para baixo.

Conforme o IPCA – índice que mede a inflação – cresce, aumenta também a apreensão da médica Andressa Ronconi, que tem sentido no bolso os reflexos da crise. Ela conta que muitos dos produtos que consome tiveram um aumento de 50% nos últimos meses. “Não dá mais

para encher o carrinho”, reclama a consumidora, que precisou mudar alguns hábitos ao fazer as compras.

“Antes, eu ia ao supermercado mensalmente. Agora, procuro ir uma vez por semana para comprar o essencial e aproveitar as promoções”, comenta.

Enquanto a inflação dis-

para – pressionada especialmente por itens como combustível e energia –, o Produto Interno Bruto (PIB) encolhe. Mesmo que os dados oficiais de 2014 estejam previstos para serem divulgados pelo IBGE somente na próxima sexta-feira, 27, o mercado já fez suas apostas. Para os especialistas ouvidos pelo Banco Central, o ano passado deverá apresentar uma retração de 0,15%.

Já em 2015 a contração esperada é de 0,78%, o que, se confirmada, será a maior retração da economia brasileira dos últimos 25 anos, quando o PIB encolheu 4,35%.

DESEMPREGO

A criação de empregos que, ao longo da campanha eleitoral, Dilma fazia questão de encher o peito para falar dos números, já não é tão motivo de orgulho assim. Na última quarta, informações do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) mostraram que 2.415 postos de trabalho formais foram fechados no Brasil em fevereiro. No Espírito Santo, o número foi ain-



As famílias já estão sentindo a inflação. No acumulado dos últimos 12 meses, a inflação registrada em fevereiro foi de 7,7% no país e de 6,99% em Vitória. Na capital capixaba, energia (31,83%) e combustível (11,62%) foram os itens que mais pressionaram a inflação nesse período



Selic

Taxa básica de juros
A taxa de juros atual, de 12,75% ao ano, é a maior dos últimos seis anos. A previsão do mercado é de que a Selic termine 2015 a 13%



Dólar

A moeda americana sofreu uma valorização frente ao real de cerca de 20% desde janeiro. O dólar está no patamar de R\$ 3,25 e a previsão é de fechar o ano em R\$ 3,06



Valor da Petrobras

Em 21 de outubro de 2008, uma ação preferencial da Petrobras valia R\$ 52,51. Atualmente, uma ação da petroleira está em torno de R\$ 9,00. Com o preço do papel é possível comprar um pacote de 5kg de arroz ou uma caixa de bombons ou, se preferir, colocar 2,5 litros de gasolina no tanque



Commodities

Os preços do petróleo e do minério derreteram nos últimos meses.
Barril do Petróleo – era US\$ 114,92 em junho de 2014, atualmente está na faixa de US\$ 55. Queda de 52% em 9 meses
Minério de ferro – era US\$ 114,58 em abril de 2014, atualmente está no patamar de US\$ 58. Queda de cerca de 50% em 11 meses



Desemprego

2.415 vagas de emprego com carteira assinada foram fechadas em fevereiro no país. É o pior resultado dos últimos 16 anos. No Espírito Santo, o saldo também foi negativo. Foram fechados 3.061 postos de trabalho, uma queda de 0,38% em relação a janeiro

OS SETORES MAIS IMPACTADOS FORAM:



COMÉRCIO



CONSTRUÇÃO CIVIL



INDÚSTRIA DA TRANSFORMAÇÃO



DESEMPENHO DA INDÚSTRIA



ÍNDICE DE CONFIANÇA DO EMPRESÁRIO

Embora a indústria capixaba tenha apresentado o melhor resultado do país, com crescimento de 18,2% em janeiro, ela já começa a dar sinais de que não seguirá o mesmo ritmo em 2015. Alguns setores industriais já registraram retração. O segmento de alimentos caiu 26,5%, o de celulose, papel e produtos de papel recuou 1,6% e o de minerais não metálicos apresentou queda de 8,6%

O Índice de Confiança do Empresário Industrial (Icei) caiu 37,5 pontos em março. É o menor nível desde janeiro de 1999

A Gazeta | Editora de Arte | Genitro

da pior. Ao todo, 3.061 vagas foram encerradas, principalmente nos setores do comércio, construção civil e indústria da transformação.

ERROS

Para o economista e professor universitário Antônio Marcus Machado, os números refletem os erros cometidos pelo governo nos últimos anos. “Entre eles, a exacerbação do gasto público improdutivo e a adoção de políticas sociais insustentáveis e onerosas de forma concomitante. Fora decisões de política externa e comércio internacional que também foram equivocadas”.

O economista e coordenador-geral da Faculdade Pio XII, Marcelo Loyola Fraga, compartilha de pensamento semelhante. Ele pondera que, por mais necessárias que sejam as políticas sociais, oferecer benefícios à população sem fazer o seu efetivo controle é fatal para o caixa público. “O governo quis fazer populismo sem ter de onde tirar recursos. Isso somado a outras ações comprometeram o equilíbrio fiscal”.

Já na visão da economista-chefe da Rosenberg Associados, Thaís Marzola Zara, a política econômica defendida pela presidente Dilma criou distorções no mercado. Ela cita como emblemáticas as decisões ligadas à redução da tarifa de energia elétrica, em 2013, e a manutenção artificial do preço dos combustíveis até o final de 2014. “Além das incertezas em relação às crises hídrica e energética, que atrapalharam as decisões para novos investimentos”.

Ajuste fiscal é necessário e urgente para o Brasil

Especialistas dizem que o governo precisa cortar os próprios gastos para se recuperar

Os números ruins e os problemas econômicos do país estão postos e são irreversíveis até aqui. Mas, de agora em diante, é possível melhorar o quadro se os esforços do governo forem direcionados para o ajuste fiscal. É o que avaliam os especialistas ouvidos por A GAZETA.

Para eles, as medidas ortodoxas do ministro da Fazenda, Joaquim Levy, são necessárias e têm de ser imediatas na tentativa de colocar a economia de volta nos trilhos, alcançando o prometido superávit primário de 1,2% do PIB.

Para além do aumento de arrecadação, o economista Marcelo Loyola Fraga pontua que é preciso que a União corte mais gastos próprios. “Ninguém suporta tantos ministérios. Não adianta só o povo pagar pela política fiscal. O governo precisa entender que não dá para gastar mais do que se arrecada”.

O economista Antônio Marcus Machado ressalva que o resgate do equilíbrio fiscal deve ser cuidadoso para não asfixiar as atividades econômicas basilares do crescimento, como na construção civil e no setor de comércio e serviços.



FERNANDO MADEIRA

Despesas elevadas

Para tentar driblar a crise e não perder a clientela, o restaurante Salsa da Praia absorveu os custos e, ao invés de repassar 35% para os clientes, reajustou o cardápio em 12%.

“Já estamos sentindo a crise, mas para manter a qualidade do serviço, não dispensamos funcionários como muitas empresas estão fazendo. A estratégia foi reduzir a margem de lucro”

TIAGO PEDRO DE FREITAS, PROPRIETÁRIO DO RESTAURANTE SALSA DA PRAIA

“Além disso, o crescimento é uma resultante da confiança política, da estabilidade fiscal e da capacidade de inovação que um país possa ter, o que hoje, infelizmente, estamos bem longe”, alfineta Machado.

Thaís Marzola Zara, economista-chefe da Rosenberg Associados, defende que em um segundo momento o governo deve focar em uma agenda mais mi-

croeconômica, buscando destravar os gargalos que reduzem a competitividade do produto brasileiro. “Como entraves burocráticos, normas federais que não conversam com as estaduais e a questão da infraestrutura”.

Os economistas também lembram que para pavimentar uma retomada do crescimento é fundamental que o governo resgate a confiança do

mercado após os sucessivos erros de gestão e sua relação nos casos de corrupção envolvendo principalmente a Petrobras.

Se toda essa cartilha for seguida, os especialistas acreditam que a economia começará a se recuperar em 2016, período divergente do esperado pela presidente Dilma, que afirma que o país sairá da crise em curto prazo.

O QUE ELES DIZEM



“É preciso resgatar a confiabilidade do governo, abalado pela incompetência de gestão e corrupção”

ANTÔNIO MARCUS MACHADO, economista



“Dos dados recentes, o que mais preocupa é o mercado de trabalho, que deve aumentar a retração de vagas”

THAÍS MARZOLA ZARA, economista



“A política fiscal é acertada, mas é preciso que o governo corte os próprios gastos. Ninguém suporta mais tantos ministérios”

MARCELO LOYOLA, economista